

Qualidade na comunicação promotora da saúde: diálogos entre a literatura especializada e as perspectivas dos jovens

Danilo Rothberg

Livre-docente em Sociologia da Comunicação pela Unesp (Universidade Estadual Paulista).

Professor do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (Faac) da Unesp.

E-mail: danilo.rothberg@unesp.br

Vinícius Lauriano Ferreira

Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp).

E-mail: vinicius.lauriano@unesp.br

Aressa Joel Muniz

Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp).

E-mail: aressa.muniz@unesp.br

Ana Valéria Machado Mendonça

Professora associada da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília (UnB).

E-mail: valeriamendonca@unb.br

Resumo: Estimular a adoção de comportamentos adequados com a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis é um dos objetivos da comunicação promotora da saúde dirigida aos jovens, que deve mobilizar saberes para corresponder a anseios desse público e facilitar a interlocução. Este artigo apresenta e discute os resultados de um workshop que realizamos com jovens universitários com o objetivo de promover um diálogo entre a literatura especializada sobre diferenciais de qualidade da comunicação e as perspectivas dos participantes sobre o tema.

Abstract: Encouraging the adoption of appropriate behaviors to prevent sexually transmitted infections is one of the objectives of health-promoting communication aimed at young people, which must mobilize knowledge to respond to the desires of this public and facilitate dialogue. This study shows and discusses the results of a workshop we conducted with young college students which aimed to promote a dialogue between the specialized literature on quality differentials of communication and participants' perspectives on the topic.

Recebido: 03/02/2022

Aprovado: 15/08/2022

As sugestões trazidas pelos jovens fornecem uma visão privilegiada sobre as contribuições da literatura especializada para a conceitualização de qualidade da comunicação promotora da saúde.

Palavras-chave: comunicação; saúde; prevenção; infecções sexualmente transmissíveis; jovens.

The suggestions the youth brought provide a privileged view of how the specialized literature contributes to the conceptualization of quality in health-promoting communication.

Keywords: communication; health; prevention; sexually transmitted infections; young.

1. INTRODUÇÃO

A comunicação promotora da saúde objetiva encorajar comportamentos compatíveis com a prevenção de infecções. Quando busca alcançar o público jovem, deve mobilizar saberes adequados a fim de corresponder a anseios e ansiedades, além de criar espaços de interlocução. A literatura especializada examina como fazê-lo, teórica e empiricamente. Por um lado, aspectos como o uso de abordagens informais, respeito à diversidade, incentivo ao protagonismo e à autonomia do jovem, além do emprego adequado do humor, são apontados como práticas importantes. Por outro lado, a utilização de palavras de ordem e imperativos, imagens que reforçam estereótipos e preconceitos, o protagonismo de médicos e especialistas, assim como o reforço de medo e culpa figuram como artifícios a serem evitados.

No contexto, assumindo a comunicação em saúde como estratégia fundamental, cabe indagar como os aspectos desvendados pela literatura seriam considerados pelos próprios jovens, principais interessados e protagonistas das vivências que devem ser contempladas pela comunicação produzida para dialogar com eles, ouvindo suas demandas e necessidades na prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Este artigo relata as percepções de um grupo de jovens estudantes de cursos de Graduação em comunicação sobre as recomendações da literatura especializada a respeito do que é qualidade na comunicação promotora da saúde, que emergiram em um workshop que realizamos no ano de 2021 no âmbito do projeto de pesquisa “[...]”, financiado pelo CNPq¹.

O projeto e seus resultados, entre os quais estão incluídos os dados resultantes do workshop, se situam no contexto dos esforços das pesquisas produzidas com apoio de uma chamada específica de agência federal de fomento para enfrentar um cenário complexo: números do Boletim Epidemiológico HIV/Aids 2020 indicam crescimento de 64,9% das IST entre jovens de 15 a 19 anos e de 74,8% na faixa de 20 a 24 anos, entre os anos de 2009 e 2019².

O workshop foi realizado com o objetivo de desencadear um diálogo entre a literatura especializada sobre a qualidade da comunicação promotora da saúde e as perspectivas dos jovens sobre aspectos essenciais da definição dessa qualidade³. Os participantes do workshop foram levados a refletir sobre peças de comunicação, tais como vídeos, cartazes, folhetos, mídias sonoras, anúncios

¹ Aprovado no âmbito da Chamada CNPq [...]. Agradecemos ao CNPq pelo apoio. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de [...]. Adicionalmente, a produção deste texto recebeu o apoio e financiamento de Bolsa de Produtividade do CNPq, processo [...] e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes, Código de Financiamento 001, processo), aos quais agradecemos.

² BRASIL. *Boletim Epidemiológico Especial HIV/Aids 2020*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020.

³ Agradecemos a [...], que como bolsistas ATP-B do CNPq contribuíram com a realização do workshop.

- Danilo Rothberg, Vinícius Lauriano Ferreira, Aressa Joel Muniz, Ana Valéria Machado Mendonça

de mídia impressa, postagens em redes sociais online etc., produzidas por órgãos de governo na área de saúde, à luz da literatura, e sugerir diferenciais de qualidade. As sugestões dos jovens fornecem uma visão privilegiada sobre as contribuições da literatura especializada para a conceituação de qualidade da comunicação promotora da saúde.

No percurso do artigo, teorizações pertinentes revisam os aspectos que guiaram a realização do workshop, e seus resultados são apresentados e comentados. Considerações finais sintetizam a contribuição do artigo.

2. TEORIZAÇÕES FUNDAMENTAIS

A literatura sobre comunicação e saúde que aponta parâmetros adequados para as abordagens de prevenção contra IST para jovens converge para determinadas estratégias, então consideradas eficazes para alcançá-los. As peças de comunicação tendem a ser mais atraentes se adotarem vocabulário familiar aos jovens, sem recorrer a termos médicos e a especialistas. Isto por conta da importância de valorizar os interlocutores. Instruções e obrigações podem colocá-los em posição inferior, negando a eles o direito de figurarem como articuladores de suas próprias questões⁴.

Peças que tragam abordagens em um cenário de descontração, receptivo à manifestação de ansiedades dos jovens, transmitem segurança e credibilidade, para além dos aspectos biomédicos. “É necessário compreender as multicausalidades que estão associadas à saúde sexual de adolescentes para propor intervenções afinadas à realidade e sensíveis às suas especificidades”, indicam Campos et al.⁵. A comunicação, assim, segue a lição da educação em sexualidade, que deve abrir “espaço para a escuta da palavra dos adolescentes, de suas dores e prazeres, seus medos e alegrias, suas relações afetivas e sexuais”⁶.

Assim, não é recomendado o uso de imperativos e palavras de ordem, como simplesmente “use camisinha”, que simplificam o debate de forma excessiva. Documento do Ministério da Saúde⁷ salienta que o tratamento superficial da prevenção é um fator que desestimula o interesse dos jovens acerca da temática porque “consideram repetitivo – e conseqüentemente, desinteressante”. O uso dos imperativos acaba por deixar de lado a importância da prevenção: por que razão se deve usar, como se utiliza e o que acontece quando não se usa.

A Prevenção Combinada (PC) propõe a superação de simplificações ao salientar esferas comportamentais e estruturais, além de indicar populações prioritárias: jovens, população negra, indígena e em situação de rua, gays e outros homens que fazem sexo com homens, transexuais, pessoas que usam álcool e outras drogas, pessoas privadas de liberdade e trabalhadoras/es sexuais⁸. A PC incentiva a realização rotineira de testes de diagnóstico e outros recursos de prevenção, além de preservativo e tratamento no caso da HIV/aids, de profilaxia pré e pós-exposição, atribuindo ao jovem a autonomia para escolher o que convém em cada situação.

4 CAMPOS, Helena Maria; PAIVA, Cláudia Gersen Alvarenga; MOURTHÉ, Isabella Campos de Araújo; FERREIRA, Yago Freire; FONSECA, Maria do Carmo. Direitos humanos, cidadania sexual e promoção de saúde: diálogos de saberes entre pesquisadores e adolescentes. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 113, p. 658-669, 2017.

5 CAMPOS, Helena Maria; PAIVA, Cláudia Gersen Alvarenga; MOURTHÉ, Isabella Campos de Araújo; FERREIRA, Yago Freire; ASSIS, Marianna Campos Dias; FONSECA, Maria do Carmo. Diálogos com adolescentes sobre direitos sexuais na escola pública: intervenções educativas emancipatórias! **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rey, v. 13, n. 3, p. 1-16, 2018. p. 3.

6 CAMPOS, Helena Maria; PAIVA, Cláudia Gersen Alvarenga; MOURTHÉ, Isabella Campos de Araújo; FERREIRA, Yago Freire; FONSECA, Maria do Carmo. Direitos... p. 662.

7 BRASIL. **A mídia brasileira enfocando os jovens como atores centrais na prevenção de DST/Aids e hepatites virais**: relatório final. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014. p. 62.

8 BRASIL. **Prevenção Combinada do HIV**: Bases conceituais para profissionais, trabalhadores(as) e gestores(as) de saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2017.

9 GAGNON, Marilou; JACOB, Jean D.; HOLMES, Dave. Governing through (in)security: a critical analysis of a fear-based public health campaign. *Critical Public Health*, Abingdon-on-Thames, v. 20, n. 2, p. 245-256, 2010.

10 SEFFNER, Fernando. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, 2013. p. 157.

11 MENDONÇA, Ana Valéria Machado. O papel da Comunicação em Saúde no enfrentamento da pandemia: erros e acertos. In: SANTOS, Alethele de Oliveira; LOPES, Luciana Toledo. *Competências e regras: coleção covid-19*. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde; Conselho Nacional de Secretários de Saúde, 2021. p. 164-178, v. 3. p. 174.

12 CAMPOS, Helena Maria; PAIVA, Cláudia Gersen Alvarenga; MOURTHÉ, Isabella Campos de Araújo; FERREIRA, Yago Freire; ASSIS, Marianna Campos Dias; FONSECA, Maria do Carmo. *Diálogos...* p. 3.

13 RIOS, Roger Raupp. Para um direito democrático da sexualidade. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 12, n. 26, p. 71-100, 2006. p. 82.

14 FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997. p. 110.

15 CAMPOS, Helena Maria; PAIVA, Cláudia Gersen Alvarenga; MOURTHÉ, Isabella Campos de Araújo; FERREIRA, Yago Freire; FONSECA, Maria do Carmo. *Direitos...* Op. cit., p. 664.

16 YOON, Hye Jin. Humor effects in shame-inducing health issue advertising: the moderating effects of fear of negative evaluation. *Journal of Advertising*, Abingdon-on-Thames, v. 44, n. 2, p. 126-139, 2015. p. 136.

A PC também preconiza evitar estereótipos e estigmatizações como aqueles, por exemplo, explorados no período de carnaval, quando comportamentos alegadamente irresponsáveis viriam à tona, o que suscitaria não campanhas de comunicação, mas sim campanhas de repressão, que por sua vez trariam mais ansiedade: “aqueles que não aderem às normas prescritas são punidos através dos mecanismos de autovigilância, evocando sentimentos de culpa, ansiedade e repulsa para si mesmo”⁹.

Além de gerar constrangimento, as campanhas de comunicação promotora da saúde com frequência atribuem às jovens a responsabilidade pela prevenção, repercutindo o machismo dominante preocupado com a reputação feminina. Assim, os comunicadores que buscam qualidade devem estar atentos às representações de poder, sugere Seffner¹⁰: “a aceitação da pluralidade é um importante passo, mas há que se discutir como se articula e se mantém a diferença do ponto de vista do poder, pois é por meio dele que as situações de desigualdade são criadas e mantidas”.

Sobretudo, a comunicação deve situar o jovem como protagonista e capaz de fazer suas escolhas. Neste sentido, Mendonça¹¹ salienta que “[...] os processos comunicativos demandam engajamento comunitário para consciência sanitária” no contexto da comunicação promotora da saúde com qualidade, “[...] a fim de informar e educar para cidadania”. As intervenções emancipatórias dirigidas aos jovens podem “contribuir para que façam escolhas conscientes e tomem decisões com responsabilidades individuais e coletivas”¹².

Na prática, são adequados os cenários do cotidiano, como a escola, na qual os jovens assumem a narrativa como protagonistas e sejam caracterizados como atores sociais qualificados ao exercício do direito à sexualidade. Essa representação pode gerar “promoção da liberdade e da diversidade sem fixar-se em identidades ou condutas meramente toleradas ou limitar-se às situações de vulnerabilidade social feminina e suas manifestações sexuais”, indica Rios¹³.

Cabe, inclusive, questionar o papel do especialista na comunicação para a saúde. Pautado no ponto de vista médico, pode eventualmente habitar um lugar hermético, com poucos pontos de contato com a experiência comum da vivência da sexualidade. O discurso biomédico tende a se apresentar, indica Foucault¹⁴ como “tecnologia do sexo”, que “vai ordenar-se [...] em torno da instituição médica, da exigência de normalidade”. Podemos sugerir que a tecnologia do sexo se manifesta em informações protocolares, livres do debate sobre comportamentos, valores ou práticas. São visíveis também nas estratégias que aterrorizam e chocam os alunos com imagens de doenças e morte, ao mesmo interditando sua palavra. Reduzir os saberes dos jovens sobre direitos sexuais ao saber biomédico “lhes escamoteia a completude dos direitos sexuais e reprodutivos, bem como o direito de decidir sobre seus próprios corpos”¹⁵.

Entre as estratégias adequadas para evitar o problema, está o uso do humor, que “pode servir como um alívio em situações extenuantes”, aparecer contextualizado em relação à realidade de vida dos jovens, com memes, por exemplo, a fim de amenizar “a negatividade associada a situações vergonhosas”¹⁶. O humor é

- Danilo Rothberg, Vinícius Lauriano Ferreira, Aressa Joel Muniz, Ana Valéria Machado Mendonça

uma solução para evitar o receio da avaliação negativa e pode ajudar a quebrar a barreira que impede o jovem de falar sobre a sexualidade e procurar ajuda.

Também é preciso evitar a exploração de medo e culpa. “Proteja-se”, em vez de “previna-se”, reforça o risco da exposição, como se essa se devesse à suposta irresponsabilidade do jovem¹⁷. Sequelas, morte e culpabilização das alegadas vítimas completam o percurso do medo, que precisa ser desconstruído pela comunicação que busque eficácia. “O medo é usado para construir significado acerca da experiência de contrair uma IST por descrever o corpo infectado através de palavras de impacto, sintomas de debilitação física e o significado social de sua contagiosidade”¹⁸.

A opressão dos jovens e seus direitos sexuais subjaz a essa abordagem de proteção, que descarta aspectos importantes de vivência e liberdade, não cria espaços de reconhecimento e se resume a alertar para o perigo. Outra via é preferível para a qualidade da comunicação promotora da saúde. Cabe uma “uma abordagem positiva, educadora e integradora da sexualidade, tanto na experiência individual quanto coletiva”, sugere Rios¹⁹.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O workshop “Produzindo comunicação promotora de saúde: valores e princípios” foi desenvolvido por integrantes da equipe do projeto de pesquisa “Comunicação promotora da saúde: estratégias para enfrentamento de epidemias de IST, HIV/Aids e Hepatites Virais em população jovem”, financiado pelo CNPq, com o objetivo de envolver jovens na produção de reflexões para a comunicação de qualidade para prevenção de IST e HIV/aids, à luz de estudos realizados pelo grupo de pesquisadores do projeto. O workshop foi realizado online, por meio da plataforma Google Meet, dividido em duas reuniões, nos dias 22 e 23 de fevereiro de 2021, das 14h às 16h.

Para participar, foram convidados estudantes de graduação dos cursos de jornalismo; relações públicas; e rádio, televisão e internet de uma universidade pública. Dez estudantes se inscreveram, dos quais nove compareceram (oito do sexo feminino e um do sexo masculino). As sessões foram divididas em duas etapas: apresentação de peças de comunicação consideradas adequadas pelos pesquisadores à luz da literatura especializada; análises do grupo, orientadas pelos pesquisadores, das mesmas peças, para identificação de seus diferenciais de qualidade.

Um aspecto debatido foi a frequência das campanhas sobre IST, HIV/aids e hepatites virais. Os participantes disseram se lembrar de sua realização nos períodos de carnaval, observação que corrobora um alerta no Ministério da Saúde²⁰, o qual indica a necessidade de haver um tratamento recorrente para tornar mais comum a atenção sobre o tema. Campanhas focadas apenas no carnaval podem levar o jovem a considerar a prevenção como necessária apenas nesse período, sem aprofundamento sobre direitos sexuais, e contrariam

17 CASTIEL, Luis David; GUILAM, Maria Cristina Rodrigues; FERREIRA, Marcos Santos. **Correndo o risco**: uma introdução aos riscos em saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.

18 GAGNON, Marilou; JACOB, Jean D.; HOLMES, Dave. *Governing...* Op. cit., p. 249.

19 RIOS, Roger Raupp. Minorias, direitos de crianças e adolescentes: notas sobre o reconhecimento, proteção e promoção nas perspectivas do direito da sexualidade e do direito da antidiscriminação. **Revista Latino-americana de Direitos Humanos (HENDU)**, Belém, v. 6, n. 2, p. 16-24, 2015, p. 17.

20 BRASIL. *A mídia...* Op. cit.

a abordagem positiva defendida pela literatura especializada, já que tendem a submeter o comportamento sexual do jovem a uma caricatura relacionada ao período festivo²¹. “*Nas campanhas nacionais seria importante pensar a longo prazo, porque a saúde pública não existe só no carnaval*”, disse uma das participantes do workshop.

Estudo do Ministério da Saúde traz um depoimento de jornalistas sobre limitação similar que afeta seu trabalho: “dados, resultados de pesquisa, ações de prevenção sobre HIV/Aids tendem a se concentrar em duas épocas do ano: no Carnaval e no Dia Mundial de Luta contra a Aids”²². A divulgação de dados restrita a essas datas acaba por condicionar a cobertura jornalística à mesma sazonalidade das campanhas. A escassez de dados contribui, segundo os jornalistas entrevistados, para uma “repetição de temas e enfoques, o que torna as matérias também repetitivas e pouco interessantes”²³.

Os participantes do workshop manifestaram sua preocupação com a importância de aprofundamento, na comunicação promotora da saúde, de métodos de prevenção de IST. Sua percepção vai ao encontro da literatura: abordagens superficiais, com apenas nomes de métodos, são criticadas por Campos et al.²⁴ por não proporcionarem uma visão completa da sexualidade, que não deve ser representada unicamente como ameaçada pela existência de riscos. Enquadrar IST sem levar em conta a autonomia e a capacidade dos jovens de refletir sobre seu corpo e sua sexualidade pode contribuir para a construção de uma visão parcial e irrealista da prevenção.

Foi comentada pelos participantes a importância de as campanhas de saúde abordarem os vários métodos de prevenção. O grupo sugeriu um enfoque com linguagem simples e coloquial sobre características e instruções acerca dos métodos, para além da mera menção, com termos técnicos, das possibilidades de prevenção. Uma das jovens opinou que:

as pessoas não são tão ignorantes, elas sabem que há doenças e riscos, mas não entendem que isso é próximo, que está no dia a dia e pode acontecer a qualquer momento. Para ela, as peças de comunicação devem “*apresentar mais as consequências de não se prevenir, e não falar simplesmente que há doenças. As peças não mostram, por exemplo, onde você encontra tratamento, onde você vai [para buscar tratamento]*”.

Esta é uma das lacunas que a Prevenção Combinada busca suprir, quando dirige seu foco com estratégias diferentes para cada público-alvo, “pautando-se na responsabilidade e cuidado, para que o sujeito possa ter autonomia para escolher suas estratégias de prevenção pensando em sua vida sexual e nos momentos que ele identifica como potenciais para ser infectado”²⁵. É necessário que o jovem conheça tanto a pluralidade de métodos disponíveis para prevenção e tratamento quanto compreenda como acessá-los no sistema público de saúde e usá-los, além de, sobretudo, explorar a variedade de opções de acordo com sua realidade de vida e naquilo que mais lhe proporcione bem-estar. A comunicação promotora da saúde deve traduzir termos técnicos e biomédicos para a realidade individual, de maneira não restrita a um público iniciado,

21 RIOS, Roger R. Mino-rias... Op. cit.

22 BRASIL. A mídia... Op. cit., p. 98.

23 Ibidem. p. 115.

24 CAMPOS, Helena Maria; PAIVA, Cláudia Gersen Alvarenga; MOURTHÉ, Isabella Campos de Araújo; FERREIRA, Yago Freire; FONSECA, Maria do Carmo. Direitos... Op. cit.

25 ROCHA, Marcelly A. **Faça o teste!**: os repertórios sobre prevenção de infecções sexualmente transmissíveis nas campanhas do Ministério da Saúde (Brasil, 2016-2018). 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

- Danilo Rothberg, Vinícius Lauriano Ferreira, Aressa Joel Muniz, Ana Valéria Machado Mendonça

indicam Lermen et al.²⁶, “como parece ser o caso da presença das siglas PEP e PrEP” (profilaxia pós-exposição e pré-exposição).

Além disso, abordagens superficiais tendem a gerar desinteresse, em particular pela recorrência das menções simplistas ao uso de preservativos. O desafio é fornecer informações abrangentes, como também apontaram jovens sondados em outros estudos, como em Castro, Abramovay e Silva²⁷, que demonstraram sua percepção sobre a falta de “espaços para o aprofundamento sobre o assunto, com o objetivo de se buscar e escolher o método mais adequado para cada um”, no contexto do exercício da cidadania sexual, que responda a necessidades e vulnerabilidades.

O grupo de participantes do workshop também sugeriu que outros formatos devem ser explorados para abordar a prevenção. Assim como apontado no estudo do Ministério da Saúde²⁸, diante da escassez de espaços de diálogo na escola e família, os jovens acabam buscando na internet informações relacionadas à vivência de sua sexualidade. Com a popularização das redes sociais online, este público se torna grande consumidor dos conteúdos produzidos principalmente em novos formatos de vídeo como reels e TikTok. Dessa forma, o grupo refletiu sobre a necessidade de produção de comunicação para essas redes. Uma das participantes propôs que diferentes formatos são capazes de trazer “*a informação de um jeito mais tranquilo de entender e mais fácil de compartilhar também*”.

Como estratégia para conectar a temática aos jovens, o grupo também sugeriu a produção de conteúdo por influenciadores. A mesma participante destacou a importância de “*trazer outros formatos que se aproximem do jovem com influencers, pessoas que a gente admira. Com certeza vai chegar em nós de alguma forma, com vídeos maiores como lives, ou mesmo menores como stories, para criar um diálogo e oferecer algo atrativo*”. Neste sentido, uma das sugestões que o grupo apresentou foi que os influenciadores preferíveis para a abordagem da prevenção na comunicação pública seriam aqueles que já abordassem em suas redes, usualmente, temáticas sociais ou de saúde e bem-estar.

Em estudo empírico, Campos et al.²⁹ observaram que os jovens não tinham o hábito de obter informações ou conversar sobre sexualidade com pais e professores, preferindo sanar suas dúvidas e buscar novos conhecimentos com amigos e pela internet. Daí a oportunidade estratégica de a comunicação promotora da saúde transformar espaços virtuais em fontes de conteúdo relevante e confiável para a população jovem.

Impulsionar conteúdos nos novos formatos de mídia na internet se torna vital para acompanhar as dinâmicas de consumo dos jovens, mas é preciso enfrentar certos cenários: Gabarron et al.³⁰ observaram que publicações sobre temáticas de sexualidade em redes sociais de interações abertas, como Facebook, nem sempre conquistam engajamento. Medos e tabus acerca da sexualidade podem fazer com que muitos não queiram ser associados publicamente ou participar de discussões do tipo. Isto traz o desafio do estabelecimento de mediações capazes de minimizar resistências, a fim de facilitar as interações. Novamente, a atuação de influenciadores que consigam gerar engajamento e diálogo com os jovens pode ser adequada. As oportunidades de criação de comunicação

26 LERMEN, Helena S.; MORA, Cláudia; NEVES, André Luiz Machado; AZIZE, Rogerio Lopes. Aids em cartazes: representações sobre sexualidade e prevenção da Aids nas campanhas de 1º de dezembro no Brasil (2013-2017). *Interface*, Botucatu, v. 24, e180626, 2020. p. 13.

27 CASTRO, Mary. G.; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena. B. *Juventudes e sexualidade*. Brasília, DF: Unesco, 2004. p. 179.

28 BRASIL. A mídia... Op. cit.

29 CAMPOS, Helena Maria; PAIVA, Cláudia Gersen Alvarenga; MOURTHÉ, Isabella Campos de Araújo; FERREIRA, Yago Freire; FONSECA, Maria do Carmo. Direitos... Op. cit.

30 GABARRON, Elia; LUQUE, Luis Fernandez; SCHOPF, Thomas Roger; ARMAYONES, Manuel; SERRANO, J. Artur. Impacto dos anúncios do Facebook para Promoção da Saúde Sexual Via um aplicativo educacional da Web: um estudo de caso. *International Journal of E-Health and Medical Communications*, Pennsylvania, v. 8, n. 2, p. 18-32, 2017.

na internet estão em constante transformação, e os diferentes formatos disponibilizados pelas redes sociais digitais podem representar novas formas de abordar temáticas de sexualidade, prevenção e tratamento de maneira eficaz.

Uma questão abordada pelos participantes do workshop foi em relação à dúvida sobre o que fazer após uma possível exposição a uma IST. A partir da argumentação do debate frente às peças apresentadas, os participantes comentaram que poderiam ser abordadas mais informações sobre como proceder após ter uma relação sexual sem prevenção. Poderiam ser destacadas informações sobre os cuidados imediatos a serem tomados, assim como incentivar a realização de testes e a busca do tratamento. Assim como sugerido por Vasconcelos, Oliveira-Costa e Mendonça³¹, a comunicação deve assumir características de promoção da saúde, para além do caráter preventivo, com conteúdos meramente pontuais. Desenvolver uma comunicação que possa sanar as dúvidas dos jovens acerca dos cuidados e atitudes necessárias em diferentes momentos da vida sexual é importante para oferecer suporte. Neste sentido, uma das participantes destacou que deveriam ser abordados:

os cuidados após o ato, incentivar buscar o tratamento, dar mais informação sobre esse momento, além de oferecer mais informações sobre os testes que são disponibilizados, onde são disponibilizados e dar mais informações sobre o que fazer depois de se expor.

Além da conscientização sobre a prevenção e atitudes saudáveis necessárias para os momentos antes e durante uma relação sexual, deve-se buscar esclarecer questionamentos acerca de medidas posteriores. Para uma comunicação promotora da saúde de qualidade, é necessário desenvolver mais conteúdos que possam contemplar dúvidas sobre testagem, tratamento, a maneira como são realizados, onde fazer esses procedimentos e demais informações que evidenciem as medidas necessárias para agir. A IST não pode ser retratada como o fim da linha. Lermen et al.³² indicam que as informações sobre tratamentos e métodos de prevenção de IST precisam estar disponíveis de forma transparente e completa.

Tratamentos e prevenção encontram aprimoramento na atualidade, mas é preciso tomar cuidado para não favorecer a criação de um imaginário inconsistente. A informação sobre as formas de agir em uma potencial situação de exposição a IST é necessária para proporcionar aconselhamento com autonomia. Campos, Schall e Nogueira³³ salientam a relevância de propiciar espaços de diálogo, em que os jovens possam expor como agem em determinadas situações. A fala de um colega ou de alguém de confiança pode ser a motivação para agir. A comunicação promotora da saúde com qualidade busca incentivar a criação de oportunidades nas quais os jovens tenham liberdade e assumam responsabilidade sobre suas próprias ações, tendo em vista o bem-estar pessoal e de seus círculos sociais.

Muitas campanhas de saúde adotam generalizações que tendem a não representar adequadamente parcelas das juventudes brasileiras, reconhece estudo do Ministério da Saúde, o que, de certa forma, repercute sobre os critérios com os quais os próprios jornalistas cobrem a temática³⁴: o regionalismo “é uma

31 VASCONCELOS, Wagner R. B.; OLIVEIRA-COSTA, Mariella S.; MENDONÇA, Ana Valéria M. Promoção ou prevenção? Análise das estratégias de comunicação do Ministério da Saúde no Brasil de 2006 a 2013. *Reciis*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 1-11, 2016.

32 LEREMEN, Helena S.; MORA, Claudia; NEVES, André Luiz Machado; AZIZE, Rogerio Lopes. *Aids...* Op. cit.

33 CAMPOS, Helena M.; SCHALL, Virgínia T.; NOGUEIRA, Maria José. Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: interlocuções com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 97, p. 336-346, 2013.

34 BRASIL. A mídia... Op. cit., p. 31.

- Danilo Rothberg, Vinícius Lauriano Ferreira, Aressa Joel Muniz,
Ana Valéria Machado Mendonça

variável importante para avaliar o comportamento da imprensa, especialmente na cobertura de HIV/aids”, uma vez que cada região ou estado possui características culturais e indicadores epidemiológicos distintos. No workshop, emergiram percepções sobre a necessidade de problematizar a eficácia de campanhas genéricas, diante da importância de abordagens dimensionadas para diferentes contextos das juventudes, como rural e metropolitano, e realidades regionais. Um dos participantes propôs que *“deveria haver uma comunicação dirigida e direcionada [...] utilizando-se de aspectos regionais de conversa”*.

Além de evocar contextos condizentes com a realidade dos jovens, a comunicação promotora da saúde com qualidade deve representá-los de forma que se sintam parte da sociedade. Os jovens têm particularidades e devem ser entendidos de acordo com o tempo e o grupo nos quais estão inseridos, o que os torna únicos em suas vivências da sexualidade, que, afinal, se inscrevem no âmbito de construções culturais e sociais, apontam Campos, Schall e Nogueira³⁵.

Prazeres e relações eróticas dificilmente são apreendidos apenas como eventos da natureza, mas sim tendem a ser experimentados dentro de um quadro marcado por “desejos, experiências, identidades, orientações, que são construídas e ganham significado social, cultural e político”³⁵.

Peças de comunicação analisadas no workshop, do ponto de vista dos participantes, propagavam estereótipos de gênero e comportamento, muitas vezes apresentados em associação com comunidades LGBTQIA+, em situações nas quais as IST figuravam como riscos circunscritos às relações homossexuais. Ao refletirem sobre o assunto, os participantes argumentaram que tais associações são estigmatizantes, por sugerirem implicitamente que a prevenção caberia apenas a públicos específicos. Este aspecto é tratado por Rios³⁶, que argumenta que os direitos sexuais não devem abranger identidades pré-definidas, rotulações e títulos que têm como base o heterossexismo, e sim abranger a busca pela liberdade e “diversidade sem fixar-se em identidades ou condutas meramente toleradas ou limitar-se às situações de vulnerabilidade social feminina e suas manifestações sexuais”.

A inclusão da diversidade de gênero, comportamento e orientação sexual, evitando a estigmatização e a associação de determinados grupos ao risco de contrair infecções, contribui para a qualidade da comunicação promotora da saúde, conforme apontou uma das participantes, ecoando a literatura especializada: *“é importante colocar não só pessoas héteros, ou só pessoas brancas. É importante ter mais representatividade para os jovens se identificarem”*.

Os participantes do workshop ainda sugeriram uma forma de tratamento do tema da diversidade de gênero que deveria incluir mais representações de relações entre mulheres, o que reitera aspecto indica por Rios³⁶, que ressalta que, por mais que seja possível observar uma crescente luta por direitos nos movimentos feministas, de gays, lésbicas, transgêneros e de profissionais do sexo, aos poucos conquistados, ainda é necessária a equiparação na participação desses grupos nas representações construídas e propagadas pela comunicação.

35 RIOS, Roger R. Minorias... Op. cit., p. 19.

36 RIOS, Roger R. Para... Op. cit., p. 82.

O uso minoritário do preservativo feminino também veio à tona no workshop. Campos, Schall e Nogueira³³ mencionam que a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher (PNDS) indicou que as mulheres têm conhecimento sobre o método, mas apenas 3,1% utilizaram-no. Seu uso “possibilitaria maior autonomia e poder de decisão às mulheres, podendo, inclusive, modificar algumas questões relativas ao gênero no campo da sexualidade”³⁷.

Castro, Abramovay e Silva³⁸ analisam que a baixa adesão ao método adquire significado sociocultural, já que, com a predominância do preservativo masculino, as mulheres optam por um método assumindo como referência o corpo masculino e não o seu próprio, enquanto a adoção do preservativo feminino significaria “uma nova divisão sexual de responsabilidades quanto à contracepção”. Os participantes do workshop disseram não se lembrar de campanhas sobre o preservativo feminino, o que traz oportunidades de aperfeiçoamento da comunicação, no sentido de incluí-lo em abordagens que podem inclusive contribuir para o empoderamento da mulher.

Uma das discussões no workshop levou o grupo a propor que uma abordagem adequada à comunicação promotora da saúde seria aquela semelhante à própria conversa entre um jovem e um amigo de confiança. A aproximação com o público jovem assim incentivada se colocaria como contraponto ao uso de imperativos e palavras de ordem. Na opinião dos participantes, a fala simulando amizade pode facilitar a contextualização em relação às ansiedades dos interlocutores e a representação de situações do cotidiano, além de compor estratégias que evitem mensagens centradas excessivamente no caráter biomédico da prevenção e, assim, sejam capazes de promover a horizontalidade e a clareza da relação comunicativa.

A presença, nas peças de comunicação promotora da saúde, de personagens tratando a prevenção de maneira próxima e amigável ao jovem deve proporcionar um “debate aberto e franco sobre a sexualidade, [...] favorecendo uma preparação dos jovens de forma refletida sobre a entrada na vida sexual”³⁹. A abordagem deve incluir saídas para possíveis impasses e informar sobre recursos ao alcance para prevenir, diagnosticar e tratar IST, situando tais cuidados na rotina do jovem. Retira-se, assim, possíveis menções à sexualidade como algo extraordinário. O jovem é posicionado como sujeito de direitos sexuais, capaz de exercê-los da maneira que mais o convém, de acordo com sua realidade.

Durante o debate, uma participante ponderou que “*criar a imagem de um amigo que aconselha, fornece instrução e auxílio*” seria ideal, já que, em sua realidade, recorrer a um amigo “*é o que mais acontece*”. O problema da “dissociação das campanhas da realidade de vida dos adolescentes e jovens” já era apontado pelo Ministério da Saúde⁴⁰, mas ainda é necessário criar abordagens que evitem situações que não representam de fato as vivências dos jovens. Peças de comunicação com jovens como protagonistas se expressando em tom franco e coloquial podem produzir esse efeito benéfico, de contextualizar a necessidade de prevenção, de diminuir as assimetrias de saberes e de oferecer um ambiente mais familiar para a apresentação de informações importantes.

37 CAMPOS, Helena M.; SCHALL, Virgínia T.; NOGUEIRA, Maria José. Saúde... Op. cit., p. 341-342.

38 CASTRO, Mary. G.; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena. B. Juventudes... Op. cit., p. 179.

39 CAMPOS, Helena M.; SCHALL, Virgínia T.; NOGUEIRA, Maria José. Saúde... Op. cit., p. 339.

40 BRASIL. A mídia... Op. cit., p. 66.

- Danilo Rothberg, Vinícius Lauriano Ferreira, Aressa Joel Muniz, Ana Valéria Machado Mendonça

Inclusive na comunicação da saúde, os saberes não devem ser hierarquizados. A troca de conhecimentos entre especialistas, jovens e gestores públicos favorece o engajamento e a autonomia dos jovens. Conforme indicam Campos et al.³⁹, a aprendizagem sobre a necessidade de prevenção e da busca do melhor método para si próprio, em função de cada circunstância, deve ser horizontal e mediada por experiências e vivências próprias. Esta é uma consideração subjacente à Prevenção Combinada, que se propõe a enfrentar peculiaridades para as quais a perspectiva puramente biomédica nem sempre oferece solução satisfatória, e que são mais bem atendidas quando estão contemplados aspectos comportamentais e estruturais na gestão pessoal de risco⁴¹.

Por fim, os participantes do workshop propuseram a adequação de abordagens simulando situações reais, expressas por meio da formulação criativa de diálogos articulados, mais adequados do que peças audiovisuais sobrecarregadas por textos escritos ou situações pretensamente cotidianas, mas artificialmente encenadas. Uma das participantes exemplificou a proposta: uma campanha de saúde poderia explorar simulações de rodas de conversa entre jovens, espaços usualmente descontraídos e abertos a um “*diálogo de aproximação*”, no qual a familiaridade cativasse a atenção, fornecendo terreno para uma conversa franca sobre direitos sexuais. Em peças audiovisuais de curta duração, disponíveis em páginas oficiais de órgãos de saúde pública na internet e seus perfis em redes sociais, breves diálogos dariam conta de transmitir orientações de forma atraente.

As rodas de conversa simuladas online não apenas poderiam gerar efeito positivo por si só, mas também serviriam de inspiração para rodas reais em ambientes da educação formal. Campanhas assim fariam justiça à concepção, presente na literatura especializada e reiterada no workshop, de que “é indispensável propiciar espaços de diálogo, escutar as palavras dos adolescentes para se compreender o contexto e o mundo em que vivem”, como destacado por Campos et al.⁴².

No contexto revisado por Campos et al.⁴², o processo educativo é tido em parte como resultado da palavra, que figura como um dos meios de evitar a tendência do jovem de fixar a atenção sobre a ação, com escassa ou nenhuma reflexão, quando não encontra espaço de diálogo. Um ambiente retratado sem espaço para fala ou negociação pode abrir caminho para a vulnerabilidade, se o jovem não encontra um meio seguro para se comunicar e resolver suas dúvidas. Segundo a literatura especializada, secundada por depoimentos dos participantes de nosso workshop, não só a orientação é necessária, mas também a escuta, que assim se revela como estratégica para estabelecer uma conexão cooperativa com os jovens.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou e discutiu os resultados da realização de um workshop com jovens estudantes de cursos de Graduação em Comunicação, que conduziu debates a fim de promover um diálogo entre a literatura especializada sobre

41 Idem. Prevenção...
Op. cit.

42 CAMPOS, Helena Maria; PAIVA, Cláudia Gersen Alvarenga; MOURTHÉ, Isabella Campos de Araújo; FERREIRA, Yago Freire; FONSECA, Maria do Carmo. Direitos...
Op. cit., p. 662.

diferenciais de qualidade da comunicação promotora da saúde e as perspectivas dos jovens sobre o que vem a ser qualidade no contexto para eles.

Na dinâmica do workshop, peças de comunicação dirigidas à prevenção e tratamento de infecções sexualmente transmissíveis, tais como vídeos, cartazes, folhetos, mídias sonoras, anúncios de mídia impressa, postagens em redes sociais online etc. produzidas por órgãos de governo na área de saúde foram apresentadas, à medida que os pesquisadores, no âmbito de um projeto financiado pelo CNPq, trouxeram à tona relações entre características das peças e as perspectivas de autores selecionados sobre qualidade da comunicação da saúde. Os jovens foram encorajados a refletir sobre aspectos positivos e negativos das abordagens de prevenção de IST e manifestar suas visões, em função de suas próprias vivências e experiências com o tema. Como resultado, foram obtidas percepções valiosas, que oferecem direções importantes para a comunicação promotora da saúde com qualidade, beneficiando-se tanto da literatura especializada quanto das percepções espontâneas dos jovens participantes, emergentes em situação de diálogo livre.

Entre tais percepções, estão considerações sobre a relevância de oferecer conteúdos que possam contemplar dúvidas diversas, provendo aconselhamento; explorar novos formatos, possíveis em função do avanço tecnológico; transformar espaços virtuais em fontes de informação confiável; evocar contextos coerentes com a realidade cotidiana; projetar representações que sustentem a afirmação de direitos sexuais; e evitar mensagens centradas no caráter biomédico da prevenção.

A limitação de tempo e as dificuldades usuais em debates online, que tiveram que ser assim realizados em função da pandemia de covid-19, sugerem que discussões presenciais poderiam ser mais produtivas. Para replicação de estudos com objetivos similares, sugerimos, adicionalmente, o desenvolvimento de uma etapa adicional, que não pudemos desenvolver virtualmente, qual seja, a elaboração compartilhada de propostas e roteiros de produção de peças de comunicação alinhadas às sugestões emergentes do debate realizado à luz da literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **A mídia brasileira enfocando os jovens como atores centrais na prevenção de DST/Aids e hepatites virais**: relatório final. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. **Prevenção Combinada do HIV**: Bases conceituais para profissionais, trabalhadores(as) e gestores(as) de saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. **Boletim Epidemiológico Especial HIV/Aids 2020**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020.

CAMPOS, Helena Maria; PAIVA, Cláudia Gersen Alvarenga; MOURTHÉ, Isabella Campos de Araújo; FERREIRA, Yago Freire; FONSECA, Maria do

- Danilo Rothberg, Vinícius Lauriano Ferreira, Aressa Joel Muniz, Ana Valéria Machado Mendonça

Carmo. Direitos humanos, cidadania sexual e promoção de saúde: diálogos de saberes entre pesquisadores e adolescentes. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 113, p. 658-669, 2017.

CAMPOS, Helena Maria; PAIVA, Cláudia Gersen Alvarenga; MOURTHÉ, Isabella Campos de Araújo; FERREIRA, Yago Freire; ASSIS, Marianna Campos Dias; FONSECA, Maria do Carmo. Diálogos com adolescentes sobre direitos sexuais na escola pública: intervenções educativas emancipatórias! **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rey, v. 13, n. 3, p. 1-16, 2018.

CAMPOS, Helena M.; SCHALL, Virgínia T.; NOGUEIRA, Maria José. Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: interlocuções com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 97, p. 336-346, 2013.

CASTIEL, Luis David; GUILAM, Maria Cristina Rodrigues; FERREIRA, Marcos Santos. **Correndo o risco**: uma introdução aos riscos em saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.

CASTRO, Mary. G.; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília, DF: Unesco, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

GABARRON, Elia; LUQUE, Luis Fernandez; SCHOPF, Thomas Roger; ARMAYONES, Manuel; SERRANO, J. Artur. Impacto dos anúncios do Facebook para Promoção da Saúde Sexual Via um aplicativo educacional da Web: um estudo de caso. **International Journal of E-Health and Medical Communications**, Pennsylvania, v. 8, n. 2, p. 18-32, 2017.

GAGNON, Marilou; JACOB, Jean D.; HOLMES, Dave. Governing through (in)security: a critical analysis of a fear-based public health campaign. **Critical Public Health**, Abingdon-on-Thames, v. 20, n. 2, p. 245-256, 2010.

LERMEN, Helena S.; MORA, Claudia; NEVES, André Luiz Machado; AZIZE, Rogerio Lopes. Aids em cartazes: representações sobre sexualidade e prevenção da Aids nas campanhas de 1º de dezembro no Brasil (2013-2017). **Interface**, Botucatu, v. 24, e180626, 2020.

MENDONÇA, Ana Valéria Machado. O papel da Comunicação em Saúde no enfrentamento da pandemia: erros e acertos. *In*: SANTOS, Alethele de Oliveira; LOPES, Luciana Toledo. **Competências e regras**: coleção covid-19. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde; Conselho Nacional de Secretários de Saúde, 2021. p. 164-178, v. 3.

RIOS, Roger Raupp. Para um direito democrático da sexualidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 12, n. 26, p. 71-100, 2006.

RIOS, Roger Raupp. Minorias, direitos de crianças e adolescentes: notas sobre o reconhecimento, proteção e promoção nas perspectivas do direito da sexualidade e do direito da antidiscriminação. **Revista Latino-americana de Direitos Humanos (HENDU)**, Belém, v. 6, n. 2, p. 16-24, 2015.

ROCHA, Marcelly A. **Faça o teste!**: os repertórios sobre prevenção de infecções sexualmente transmissíveis nas campanhas do Ministério da Saúde (Brasil, 2016-2018). 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

SEFFNER, Fernando. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, 2013.

VASCONCELOS, Wagner R. B.; OLIVEIRA-COSTA, Mariella S.; MENDONÇA, Ana Valéria M. Promoção ou prevenção? Análise das estratégias de comunicação do Ministério da Saúde no Brasil de 2006 a 2013. **Reciis**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 1-11, 2016.

YOON, Hye Jin. Humor effects in shame-inducing health issue advertising: the moderating effects of fear of negative evaluation. **Journal of Advertising**, Abingdon-on-Thames, v. 44, n. 2, p. 126-139, 2015.